

# Aleksandr Púchkin nas palavras de Aleksandr Blok: Tradução de “Sobre o Propósito do Poeta” e Novas Perspectivas de Leitura da Poesia de Púchkin no Brasil

*Karina Vilela Vilara*

## **Resumo**

*Apresenta-se aqui a tradução do discurso de Aleksandr Blok, intitulado “Sobre o Propósito do Poeta”, na ocasião do octagésimo quarto ano da morte do poeta do século de ouro russo. As palavras de Blok discutem sobre aspectos intrínsecos à obra em versos de Púchkin ao refletir sobre qual seria a função do poeta por excelência. Coberto de um tom místico acerca da função do poeta e, por consequência, da poesia, Blok não deixa de assinalar a tensão existente entre o ofício quase divino de compor versos e a sociedade que, por vezes, conturba o processo final. Na medida em que discute a imagem de Púchkin pela conhecida lente do poeta como profeta, Blok não olha para o autor do século XIX como um ídolo, ou uma estátua a ser louvada por sua imagem em si, mas antes pelo resultado de sua obra: a poesia. Púchkin, na argumentação de Blok, permanece vivo pela vitalidade de sua palavra. Além disso, defende-se que o discurso de Blok pode abrir caminhos críticos significativos no campo dos estudos literários no Brasil, uma vez que expande uma leitura de Púchkin para uma abordagem mais universal, sem deixar de assinalar o complexo contexto de produção de sua obra.*

**Palavras-chave:** Púchkin; Blok; Discurso sobre Púchkin.

## 1. O encontro de duas eras e o apontar para a contemporaneidade

O discurso do poeta Aleksandr Blok, em 1921, proferido na ocasião do octagésimo quarto ano da morte do poeta Aleksandr Púchkin, lança olhar sobre o grande nome do século XIX de modo a abrir novas possibilidades de leitura e recepção para a poesia de Púchkin. Blok, partindo de uma cosmovisão metafísica acerca da poesia e do papel que o poeta ocupa em sua realização, confere a Púchkin um estatuto que se aproxima do universal e quase – podemos dizer – divino, ou abençoado pelo divino. Um divino, porém, que não se vale de idealizações. Nesses termos, o tão conhecido nome não se faz poeta em uma perspectiva essencialmente russa, mas antes porque cumpre a missão que lhe é designada por uma força maior. Em outras palavras, ser poeta está acima de qualquer designação que possa vir a lhe anteceder. As palavras de Blok nos levam a olhar para a produção poética de Púchkin como uma força coesa, que se estrutura por diversas partes

meticulosamente balanceadas e unidas em seu projeto, como se a poesia da qual fala Blok fundasse em si uma constelação composta de astros e corpos orbitantes que firmam sua existência pelo elemento que os une – o quinto elemento, o éter, a tão difícil palavra de ser traduzida da língua russa, “*стухия*” (*Stikhia*). Em suas palavras, é nessa força elementar, nessa *stikhia*, que “caminham oscilações rítmicas, similares a processos que formam montanhas, ventos, correntes marítimas, o mundo vegetal e animal” (Blok, 1962, p. 162) integrantes do corpo poético.

Aleksandr Blok (1880-1921), além de compartilhar o mesmo nome de Aleksandr Púchkin, também representa um ponto cardinal na poesia russa, que dá início, um século depois, à era de prata. Os dois “Aleksandrs” inauguraram seus séculos, ambos vivendo a intensidade de seu tempo até as últimas consequências e reivindicam com a própria vida a poesia enquanto forma de arte maior<sup>1</sup>, a palavra em harmonia, por excelência. Dessa forma,

<sup>1</sup> Evocando Jakobson em *A geração que esbanjou seus poetas*: “O Ocidente entusiasma-se com a arte russa: o ícone e o filme, o balé clássico e os novos experimentos teatrais, o romance de ontem e a música de hoje. Mas a poesia, talvez a melhor das

artes russas, ainda não se tornou verdadeiramente um artigo de exportação. Ela é por demais íntima e indissolivelmente ligada à língua russa para que suporte as adversidades da tradução” (2006, p. 47)

eles se encontram não apenas como figuras históricas de seu tempo, mas como criadores de sistemas poéticos únicos. É simbólico, portanto, que tenhamos acesso em português ao discurso de Aleksandr sobre Aleksandr, pois afinal, quando Blok fala de Púchkin e de seu propósito, ele sabe que também está falando de seu próprio – enquanto herdeiro do poeta e como aquele que honra sua memória no jubileu em que lê o texto aqui apresentado.

Um pouco mais de um século depois das palavras proferidas por Blok na Casa dos Literatos, observamos, no Brasil, o nascimento de um espaço para o florescimento dos versos de Púchkin. Noto que tal marco se dá pela publicação do romance em versos *Evguêni Oniéguin*, na tradução de Alípio Correia de Franca Neto e Elena Vássina, pela Ateliê Editorial, em 2019 (Volume I), e a tradução integral de Rubens Figueiredo, pela Companhia das Letras em 2023. Antes, tínhamos acesso majoritário à prosa de Púchkin, cujo pilar da recepção se pautou nas

traduções empreendidas por Boris Schnaiderman. Na poesia, tinha-se acesso a um conjunto de poemas que, além de vertidos para um português de natureza arcaizante e deformadora<sup>2</sup>, não contemplavam os aspectos basilares da poesia de Púchkin que, em certa medida, são discutidos por Blok. A simplicidade do estilo de Púchkin não cabe meramente em análises linguísticas ou no domínio técnico de sua forma<sup>3</sup> – ela é sentida por aqueles que a leem. E, partindo do pressuposto acerca da intraduzibilidade da poesia, é na tensão desse caráter inerente a ela que a tradução lança incessantemente seus navios em busca da força vital e misteriosa que faz da poesia – poesia. Para trabalharmos com um exemplo concreto, basta olharmos para a enorme dificuldade de tradução de um dos poemas líricos mais famosos de sua obra, “Я вас любил” (*Ia vas liubil*). A primeira frase do poema já evidencia a “simplicidade” gramatical que se apresenta e se segue, que traduzida ao pé da letra para o português torna-se “eu vos amei”<sup>4</sup>, com a naturalidade de

<sup>2</sup> Com exceção das traduções empreendidas por Nelson Ascher em parceria com Boris Schnaiderman, que, infelizmente, englobam um número pequeno de poemas e ainda carecem de um estudo crítico substancial.

<sup>3</sup> Contudo, não deixo aqui de ressaltar que o domínio de tal aspecto é de suma importância para estudantes e especialistas em poesia russa.

<sup>4</sup> Destacando que, em russo, o pronome oblíquo “vos” não causa nenhum estranhamento, apenas

um “eu amei você”. Em três traduções diferentes para o português brasileiro, obteve-se o seguinte resultado: “Eu vos amei” (Casado, p. 27), “Amei-te” (Ascher & Schnaiderman, p. 251) e “Amei você” (Munhoz, 2022, p. 177). Todas as versões funcionam em um determinado projeto de tradução, mas, na medida em que se esforçam para servir uma preocupação métrica, sonora ou semântica, perdem a harmonia da simplicidade que Púchkin tão habilmente constrói em russo. Em “eu vos amei”, perde-se a naturalidade da língua pelo uso do pronome “vos”, que não nos é familiar em português brasileiro; em “amei-te”, perde-se o pronome “eu”, que poderia ser omitido em russo (da mesma forma como o tradutor omitiu em português), mas que opera dentro de uma certa cena de enunciação, além de substituir o “vos” por “te”, que traz outra nuance significativa ao verso; em “amei você”, repete-se o problema da omissão do pronome “eu”. Meu ponto não é afirmar que todas essas traduções são “ruins”, pelo contrário, não se trata de impor um juízo de valor a elas, o cerne

da questão, na verdade, é apontar para a intraduzibilidade da linguagem de Púchkin, até no sintagma mais simples de sua poesia. E é esse aspecto intraduzível que ilustra a força – a qual nos referimos anteriormente – vital e misteriosa de sua poesia.

Ademais, as supracitadas traduções de *Oniéguin* oferecem, no Brasil, um importante vislumbre de Púchkin enquanto poeta russo em pleno auge, pois dão a ver o alto grau de domínio do verso. Destaco a dissertação da pesquisadora Gabriella de Oliveira Silva (2020) que faz um levantamento importante, na primeira parte de seu trabalho, das características inovadoras da estrofe onieguiana<sup>5</sup>. Contudo, ao passo que ainda resta um longo caminho para a tradução do vasto acervo em versos do poeta, também urge no Brasil o surgimento de novos trabalhos críticos de solidez sobre sua obra poética. Talvez esse seja o trabalho mais urgente que se apresenta. Para dar um exemplo, nos anos 1990, José Casado traduziu 100 poemas de Púchkin para a coleção “Poesia para Sempre” da Editora Nova

---

assinala uma marca de formalidade ou distância com o interlocutor.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1WB6bEk2nEtUaN2NQ\\_zRVHIMEZd85BnBz/view](https://drive.google.com/file/d/1WB6bEk2nEtUaN2NQ_zRVHIMEZd85BnBz/view).

Fronteira, no final daquela década, em 1997, também sai a primeira edição de *A Dama de Espadas – prosa e poemas –*, pela Editora 34, com alguns poemas traduzidos por Nelson Ascher e Boris Schnaiderman, e em 2022, a antologia *O cavaleiro de Bronze e Outros Poemas*, pela Kalinka, com tradução de Felipe Munhoz. Mas se pesquisarmos nos repositórios e indexadores, no presente ano de 2025, a crítica feita sobre tal acervo poético traduzido, não encontraremos um número muito expressivo, por ora.

Na *Antologia do Pensamento Crítico Russo* (2013), há o importante discurso de Dostoiévski, pronunciado em 8 de junho de 1880 diante da Sociedade dos Amigos da Literatura Russa. Logo na primeira parte de seu discurso, o romancista do século XIX afirma: “Púchkin aparece precisamente na hora em que parece que nos damos conta de nós mesmos, um século depois da grande reforma de Pedro e seu aparecimento contribuiu grandemente para iluminar-nos o caminho” (Dostoiévski, 2013, p. 405). Embora Dostoiévski assuma, tal qual Blok, uma

posição que toma Púchkin a partir de seu papel profético na história da literatura, o romancista norteará seu discurso rumo à importância do poeta na construção de um espírito nacional russo. Seu discurso é tão inflamado – e isso não diminui sua pertinência no plano crítico – que levanta a ideia de o povo russo ter recebido o ‘dom divino da palavra’ e, por consequência, da literatura sobre todas as outras nações. A interpretação de seu discurso, no cenário atual (2025), é controverso, cabe pontuar. À guisa de exemplo, pode-se citar a problematização levantada pela pesquisadora Katya Hokanson em seu artigo “Literary Imperialism, *Narodnost*’ and Pushkin’s Invention of the Caucasus” (1994), que afirma ser problemático o nacionalismo, caracterizado como ufanista por Hokanson, levantado no discurso de Dostoiévski. Para ela, isso ganha contornos graves quando se pensa a representação do outro<sup>6</sup> – lembrando que discussões sobre a alteridade são centrais para a crítica contemporânea – no contexto da literatura russa do século XIX. Na visão de Hokanson:

<sup>6</sup> Aqui a autora está preocupada em especial com a representação dos povos do Cáucaso.

“Segundo a opinião de Dostoiévski, os russos são o único povo capaz de autenticamente representar outros povos; eles não apenas são europeus, como são ainda melhores europeus que os próprios europeus”<sup>7</sup> (Hokanson, 1994, p. 343).

Tal posição parece se pautar em uma interpretação sociológica enviesada, que encontra embasamento no cenário político atual, mas que não leva em consideração o papel que a poesia exerce no contexto russo e, ousado dizer, eslavo. A exaltação da força da palavra russa, no discurso de Dostoiévski, parece-me estar mais ligada à sua natureza mística e transcendente para aquele povo, e inserida em um contexto religioso ortodoxo – que se marca aqui como pano de fundo cultural inerente ao contexto russo<sup>8</sup> e que não deve deixar de ser mencionado. Sem ignorar a

época ou a influência que a cultura cristã oriental exerce sobre qualquer cidadão russo do século XIX, em especial Dostoiévski, a palavra, sobretudo a palavra poética, define-se como um ícone que transporta aquele que a ouve (vê) a uma força divina transcendente. E tal aspecto se relaciona diretamente com a íntima relação que existe entre a palavra e o alfabeto cirílico<sup>9</sup>, por exemplo. Contudo, o constante destaque de Dostoiévski ao significante “russo” é passível de gerar conturbações críticas. O pesquisador argentino Eugenio López Arriazu, por sua vez, situa o problema contemporâneo de tentar definir, à luz de Dostoiévski o que seria a “alma russa”. Em sua defesa, ele resolve o problema afirmando que “el alma rusa es una construcción, la forja de una identidad social, un significante vacío que diferentes posiciones ideológicas

<sup>7</sup> Tradução minha. No original: “In Dostoevskii’s opinion, then, Russians are the only people capable of authentically representing others; not only are they Europeans, they are even better Europeans than the Europeans themselves”.

<sup>8</sup> E outros povos eslavos. Também destacam-se os romenos que, apesar de não serem eslavos, ocupam um espaço fronteiriço no leste europeu e compartilham de uma certa subjetividade eslava, uma vez que sua língua é influenciada por diversas línguas eslavas, como o russo e o búlgaro, além de ser um idioma que utilizou o alfabeto cirílico até meados do século XIX.

<sup>9</sup> Celebrado, enquanto feriado nacional, pelos búlgaros até à atualidade no dia 24 de maio. O alfabeto tem como padroeiros os santos São Cirilo e São Metódio, irmãos missionários da região de Tessalônica que traduziram a liturgia para o eslavônico. A tradução da liturgia, nesse caso, não existe em outra acepção que não a da tradução inspirada, uma missão espiritual de entrega, que tem como fim a construção de um caminho, por meio da palavra, a Deus. Sobre o dia da celebração do dia do alfabeto na Bulgária e comentários acerca da relação litúrgica com o alfabeto, conferir o texto de Julia Kristeva, “Meu alfabeto”, em: *Meu alfabeto: Ensaios de literatura, cultura e psicanálise* (2018).

llenarán de acuerdo a sus visiones políticas y de mundo” (Arriazu, 2019, p. 119).

O discurso de Aleksandr Blok, proferido algumas décadas mais tarde, redimensiona a leitura de Púchkin que, se por um lado adquire uma mesma assimilação da força profético-mística de sua poesia (como apontou Dostoiévski), por outro, assume parâmetros menos essencialistas ou ligados a uma identidade nacional, e mais metafísicos rumo a perspectiva universal abrangente – longe de leituras totalizantes. Nesse sentido, Blok estabelece um diálogo com Dostoiévski, ao mesmo tempo em que se distancia de seu discurso de 1880, gerando uma expansão da leitura do discurso do autor de *Crime e Castigo*. Além disso, ao trazer o discurso sobre Púchkin para o solo da poesia de modo geral, por mais abstrato que seu tom possa soar, o leitor que não está inserido no contexto russo e que não partilha de uma subjetividade russa, poderá ter uma entrada em termos mais “neutros”, que privilegiam a força interna da poesia, nas profundezas do mistério que engendra o mundo.

Tendo pontuado as considerações acima, ressalto que Blok, por sua vez, não tem uma visão alienada das condições em que Púchkin produziu sua obra e assinala também em suas palavras os percalços pelos quais o poeta passou, como a perseguição, o exílio e a censura. A poesia na Rússia carrega uma importância tão grande em seu papel social e cultural que, desde Púchkin, não houve um século em que poetas não tenham sido perseguidos e que não houvesse tentativa por parte de um Estado autoritário, em diferentes contextos, de calar suas vozes. Sobre o século XX, Jakobson magistralmente discorreu perante seu choque pelo suicídio de Maiakóvski. Entretanto, a poesia, enquanto força maior, sobrevive e resiste, carregando na memória, no sangue de seus versos, a imagem daquele que se inscreveu na história como Púchkin.

Por fim, Blok, em suas considerações, não ergue um monumento a Púchkin de modo que sua imagem se condense em uma forma estática, sujeita ao envelhecimento e ao ataque. Aquilo que de fato enaltece e torna o poeta vivo, não importa a época,



é, em última instância, sua poesia. Para Blok: “A essência da poesia, como arte elevada, é [sempre] inalterada” (1962, p. 160). Ele não precisa jogar o monumento de Púchkin “do navio da contemporaneidade”, como fizeram os futuristas, pois não se trata de olhar para a estátua de bronze, e sim para a sua obra.

A concepção de poesia de Blok, em resumo, é análoga à de João Cabral de Melo Neto em um de seus primeiros poemas:

### Poesia

Deixa falar todas as coisas visíveis  
Deixa falar a aparência das coisas que  
Vivem no tempo  
Deixa, suas vozes serão abafadas.  
A voz imensa que dorme no mistério  
Sufocará a todas.  
Deixa, que tudo só frutificará  
Na atmosfera sobrenatural da poesia.  
(Melo Neto, 2020, p. 24) Podemos associar essas “coisas visíveis” ou “a aparência das coisas que vivem no tempo” à plebe que Blok nomeia como “todos que atrapalharam o poeta de cumprir sua missão” (1962, p.24). Em um sentido político – transgredindo com uma certa metafísica do poema –, as coisas visíveis que vivem no tempo

não deixam de ser o poder e as formas de governo que impõem a censura ou o tempo dos vitoriosos. Mas o propósito do poeta, que trabalha com o caos para criar a harmonia, reinará nos frutos da sua obra vindoura, permanecendo séculos afora. É essa a “atmosfera sobrenatural da poesia” que nos mostra Blok, esse “propósito misterioso” (1962, p. 168) e que se confirma em nosso século outro e em nosso país estrangeiro que olha para Púchkin com o interesse de ouvir a sua poesia no lugar de olhar para o seu retrato. Daí nasce a tarefa de traduzir Púchkin e Blok: fazer ecoar a vida de suas obras na nossa vida.

### 2. Algumas considerações sobre a tradução do discurso de Blok

Quando Blok se refere a Púchkin, fala sobre o propósito do poeta e, ao entrar em tal seara, discute a intimidade que o artista da palavra deve partilhar com a harmonia e o caos. Uma das palavras que, nesse sentido, Blok adota para desdobrar seu discurso é “*стихия*” (*stikhia*). O primeiro equivalente oferecido por um dicionário bilíngue russo/português será “elemento”. Contudo, acredito que, em português brasileiro



contemporâneo, tal palavra não ofereça o sentido cósmico ao qual Blok se refere. Ao contrário, a palavra, no vernáculo lusitano, carrega em si um certo esvaziamento de significado, podendo significar qualquer “coisa”, como se coisa e elemento fossem sinônimos. Em russo, contudo, a palavra deriva do grego “στοιχεῖον” (*Stoicheion*), que se associa diretamente ao entendimento dos elementos ou princípios que estruturam o universo. Outra acepção da palavra em grego e que me parece intimamente ligada ao uso empregado por Blok é o de “simples som do discurso, primeiro componente da sílaba”<sup>10</sup>. É exatamente sobre esse propósito do poeta que Alexandr Blok se debruça, como aquele que é capaz de, no caos, resgatar os sons primordiais (essas espécies de murmúrios componentes da sílaba), que, levados à harmonia, estruturam-se em poemas. A poesia nasce do som, dentro de um entendimento que se relaciona com a terra, a água, o fogo e o ar. Por ser uma palavra cara ao entendimento da potência cósmica das palavras em verso e sua indissociável

ligação com a natureza, optei, na maior parte das vezes, por traduzir “стихия” (*stikhia*) como “força da natureza”. Vale lembrar que boa parte da produção poética de Púchkin se deu no período romântico de sua obra (nos anos 1820) e que a relação homem/natureza é essencial para a compreensão de sua poesia. Além disso, o próprio Púchkin faz uso da palavra de origem grega, por exemplo, no memorável poema “К морю” (*K moriu / Ao mar*), cujo primeiro verso é “Прощай, свободная стихия” (*Prochai, svobodnaia stikhia / Adeus, livre força da natureza*). Trata-se, assim, de uma palavra cara no contexto da poesia russa e para poetas como Blok e Púchkin.

Outra palavra que apresentou certo grau de dificuldade de tradução para um equivalente exato em português foi “чернь” (*tchern*). Ao que consta nos dicionários e portais online, o termo vem das crônicas russas dos séculos XIV-XVII e se refere aos “Черносошные крестьяне” (*Tchernosochnie krestiane / camponeses de nariz escuro*), uma categoria de trabalhadores braçais da Rússia feudal.

<sup>10</sup> Dicionário “Logeion” online de grego antigo consultado: <https://logeion.uchicago.edu/>.

Blok joga com a palavra e argumenta que Púchkin, ao se deparar com tal categoria da população, no sentido mais baixo do termo, não se refere aos camponeses ou ao povo simples, mas, em seu lugar, coloca-se contra a nova categoria mais baixa, aos seus olhos: os funcionários da aristocracia que se ocupam da censura e da perseguição ao poeta. Optei por traduzir o termo por “plebe” de modo a reproduzir um certo arcaísmo relativo à classe social do termo em português e manter uma conotação negativa inerente à palavra.

Por fim, é importante frisar que se trata aqui de um texto de um poeta falando sobre outro poeta. Dois grandes mestres da palavra, dois extremos de um mesmo século e sua passagem. Por isso, a linguagem de Blok é, por vezes, hermética, cifrada e abstrata. O tom de seu discurso é esse. Sua sintaxe é complexa e repleta de inversões. Tentei manter o equilíbrio de entendimento do texto para o leitor brasileiro, mas sem jogar demasiada luz para o tom noturno que Blok sustenta ao discorrer sobre o propósito do poeta.

## Referências Bibliográficas

ARRIAZU, Eugenio López. El alma rusa. A propósito del discurso sobre Pushkin de Dostoievski. In: *Ensayos Eslavos: Poesía, teatro, narrativa*. Buenos Aires: Dedalus, 2019, pp. 119-147.

BLOK, Aleksandr. O Naznatchenii poeta. In: *Sobranie sotchinenii v vosmi tomakh*. Leningrad: Gosudarstvennoe Izdatel'stvo Khudojstvennoi Literaturi, 1962, pp. 160-168.

DOLININ, Aleksandr. Kak bil sdelan “Evguêni Oniéguin”. In: *Istoria Russkoi Poezii*. Moskva: Al'pina Non- Fikchn, 2025, pp. 116-138.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Púchkin (1880). In: GOMIDE, Bruno Barreto (org.) *Antologia do Pensamento Crítico Russo*. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 405-425.

GÓGOL, Nikolai. Algumas Palavras sobre Púchkin (1835). In: GOMIDE, Bruno Barreto (org.) *Antologia do Pensamento Crítico Russo*. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 57-65.

JAKOBSON, Roman. *A geração que esbanjou seus poetas*. Trad. GONÇALVES, Sonia Regina Martins. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia Completa*. São Paulo: Alfaguara/Companhia das Letras, 2020.

## Abstract

Presented here is a translation of Aleksandr Blok's important speech, entitled “On the Purpose of the Poet”, about Pushkin's poetry, on the occasion of the 84th anniversary of the death of the poet of the

*Russian Golden Age. Blok's words discuss aspects intrinsic to Pushkin's work in verse in general, discussing what the function of the poet par excellence is. Covered in a mystical tone about the function of the poet and, consequently, of poetry, Blok does not fail to point out the tension that exists between the almost divine craft of composing verse and the society that sometimes disturbs the final process. Insofar as he discusses Pushkin's presence in the literary canon through the well-known lens of the poet as prophet, Blok doesn't look at the 19th century author as an idol, or a statue to be praised for his image in itself, but rather for the result of*

*his work that makes his name and makes him greater than any monument: poetry. In Blok's argument, Pushkin remains alive because of the vitality of his word, above all things. It is also argued that Blok's discourse can open up significant critical paths in the field of literary studies in Brazil, since it expands a reading of Pushkin to a more universal approach, without failing to point out the complex context in which his work was produced.*

**Keywords:** Pushkin; Blok; Speech on Pushkin.